



Olhos de Herói.

Foi aqui, na base das rochas antigas deste imponente vulcão, que eu o presenteei com artefatos sagrados e o enviei para aquela difícil missão.

Era um dia como este.

O sol reinava em um céu sem nuvens. O calor emanava do solo, como se o vulcão extinto ainda fosse capaz de acordar. Como se há décadas eu não tivesse mergulhado em seu fogo líquido e retirado de lá a essência do deus da vida, transformando seu interior na floresta cheia de vida que é hoje. Como se hoje, a gigantesca Kalbartera, a grande árvore de Radrak, não morasse em seu interior, imponente, indestrutível. Alguns poucos dragões voavam à sua volta e dormiam à sua sombra.

Atreio, homem experiente no campo de combate, ordenado cavaleiro sagrado no pequeno templo de Kalbar, ajoelhava-se à minha frente e oferecia sua vida. Ele fazia isto pela admiração que tinha por nós dragões, era o que eu queria pensar. Na sua frente, eu estava em minha verdadeira forma. A prata de minhas escamas brilhava. Meus olhos demonstravam certeza. Minha postura ostentava poder. Eu havia resgatado o deus da vida e estava cheio de confiança.

– Eu lhe entrego esta lança, feita de uma lasca de Kalbartera pelas mãos de um anjo guerreiro. Sua resistência é a esperança dos homens. Sua ponta afiada é a ira dos deuses. – disse a ele, fazendo seus olhos brilharem.

– Não sou digno de receber a esperança dos homens e a ferramenta de ira de meus criadores. Mas não ousou recusar um chamado sagrado. Eu derrotarei nosso inimigo. – foi sua resposta. Sua postura se manteve inabalável. Seus olhos, convictos e cheios de fé. Olhos que eu já havia visto em mim mesmo, muito tempo atrás, quando mirava meu reflexo nas águas do lago Liniath. Olhos de um herói.

Nosso inimigo... Quando jovem, cometi diversos erros, e consertar um deles tornou-se minha obsessão. Eu cresci abençoado, mais forte e ágil que outros dragões. Minhas presas eram as mais afiadas, meus olhos, os mais aguçados, minhas asas, as mais poderosas. Eu me julgava um escolhido e nossos sacerdotes não me reprimiam quanto a isso.

Minha maior batalha fora contra um inimigo recorrente, imortal: tirania.

Com a ascensão dos homens, seu domínio sobre o mundo parecia certo e alguns de nós, dragões, se viram ameaçados por isso. Contrários à vontade de Radrak, que pedia que os guiássemos em suas jornadas, muitos de meus irmãos decidiram subjugar os frágeis humanos.

Tentamos impedi-los, mas o diálogo esgotou-se e a guerra se fez necessária. Quando vieram os confrontos, avancei furioso contra o inimigo, sedento pelas batalhas que exaltavam meu poder. Hoje sinto o peso de meus atos, mas na época, eu era especial. Sob minhas presas, garras e magia, irmãos tombaram dos céus e os humanos nos observaram morrer em prol de sua liberdade.

Mas veio o dia em que confrontei Tamerantos. Ele havia dominado um extenso território e escravizara vários homens. Era um poderoso dragão de escamas duras e ásperas como rocha. Um oponente formidável. Nós lutamos por horas até que ele tombou exausto. O fogo de meus pulmões ainda esvaía por minhas narinas quando troquei olhar com seu filhote, que assistia a tudo, assustado. Ignorei-o e rasguei o pescoço de seu pai. Havíamos esquecido pelo que lutávamos: pela vida. E aquele momento fora o auge da minha decadência iluminada. O filhote cresceu, suas garras e presas também se tornaram afiadas e suas asas, poderosas.

Sua morte, porém, não foi dada por mim, mas por outro irmão, na grande batalha que encerrou a guerra. Os céus cuspiam raios furiosos, testemunhando de perto nossa última grande luta. A chuva lavava nosso sangue e a terra recebia sua oferenda caótica. Um combate que nos destruiu a alma ao sairmos vitoriosos sobre os corpos de nossos próprios irmãos. Dentre eles, um inimigo que eu criara. No dia da Tempestade de Dragões, o filho de Tamerantos morreu, mas sua alma não retornou à Radrak.

Todos ouvimos seu brado de ódio, clamando por vingança e destruição. Até o mais corajoso dentre nós estremeceu, quando entendeu suas palavras. O jovem morria gritando o nome profano do deus corrupto. E ele foi atendido. Seu corpo foi coberto por um fogo negro e consumido até nada restar. Não houve dragão ou homem que comentou a presença que senti naquele dia. A sensação nefasta e o tremor impotente que a presença de um deus como Orgul pode causar.

Silenciosos, fizemos voto de condenar aquela guerra, seus mortos e amaldiçoados ao esquecimento.

Nossos votos perduraram até uma sombra emergir do local onde Tamerantos havia sido morto, deixando dezenas de corpos humanos impregnados com aquela sensação nefasta. Sacrifícios para Orgul. Eu sabia, o filho de Tamerantos retornara para firmar meu erro. Para ostentar a morte, essencial com a qual fora batizado.

Pedi para caçá-lo e o direito me foi negado. Radrak nos proibiu de fazê-lo. Os sacerdotes disseram que o novo inimigo tinha seu papel na evolução humana e, por enquanto, seria ignorado. Com a alma repleta de culpa, obedeci. Por séculos apenas pude ouvir sobre os feitos do maldito desgarrado, orando para que um dia pudesse caçá-lo e reparar o mal que criei.

O tempo seguiu seu fluxo vagarosamente até que Atreio nos encontrou. Era um guerreiro de bom coração e juventude vigorosa. Sua família havia sido morta, com exceção de seu filho mais novo, sequestrado pelo meu inimigo. Ele havia passado anos procurando a natureza do algoz que lhe roubara a alegria, até descobrir sua origem e vir nos procurar.

Meus irmãos negaram ajuda, mas eu, maior responsável por aquilo, não pude negar. Confrontei-os e os convenci que o jovem tinha direito de lutar contra o mal que criamos. Nós estávamos proibidos, mas não os humanos.

Contrariados, deixaram que eu decidisse. Eu havia encontrado e recuperado a essência de Radrak e, junto dela, minha confiança e aquele brilho nos olhos, que só os heróis possuem.

Treinei e instruí o cavaleiro com o melhor que poderia ensinar até considerá-lo pronto. E pelos deuses, ele estava.

Despejei sobre ele minha benção mais sincera. E, naquele dia ensolarado, revelei a ele como chegar até o filho de Tamerantos.

Ele me agradeceu e partiu. Sua montaria, um pégasus. A armadura, sagrada. A lança, invencível. O coração, vitorioso.

Orgulho. Foi isto que senti ao vê-lo voar rumo ao Sul para libertar a alma sombria que eu havia criado.

Orgulho. O sentimento que me cegou, arrancando de minha face o maldito olhar de herói para sempre.

Hoje, procuro no Liniath por aquele olhar que perdi, mas nada restou. Só encontro a vergonha. Sentimento trespassado em meu coração, imortalizado em minha alma.

Enviei um guerreiro sagrado para pagar por meus pecados. Enviei um garoto para a tortura e morte. Eu o sacrifiquei em vão.

Sua vida foi tirada, sua alma escravizada e a lança, perdida. Muitos foram os irmãos que viraram suas costas para mim. O lago, no qual sempre me encarei, tornou-se salgado com minhas lágrimas de arrependimento.

E mesmo alguns irmãos tendo me perdoado, nunca poderei esquecer do que fiz. Jamais poderei livrar minha mente do dia em que o protetor tornou-se carrasco. Ou da manhã ensolarada em que usurpei os olhos de herói do corajoso Atreio e os condenei ao esquecimento.

Eu sou Darantas Kostare Arka, conhecido pelos humanos como Nogard. Esta é minha sina, meu aprendizado. Aqui em Thanatis, o reino dos dragões, eu aguardo pelo momento de enterrar minha vergonha e redimir os meus pecados.

Por Leandro Reis Almeida
Crônicas de Grimmelken
WWW.GRINMELKEN.COM.BR